

# SUJEITO AO SUPOSTO AMOR DO

## *SUJEITO DO AMOR SUPOSTO*<sup>1</sup>

### I. INTRODUÇÃO

Faço primeiro um esclarecimento de como fui envolvido neste trabalho. Uma colega de formação me pergunta, *en passant*, nos corredores da sociedade, se eu, como candidato, gostaria de apresentar “algo” para o congresso no tema da “*transferência e contratransferência eróticas na formação psicanalítica*”. Fiquei de imediato inclinado a aceitar. O tema me era afim e, por coincidência, trabalhava na supervisão num caso onde surgia uma transferência do tipo erótica. Ora, não haveria ocasião mais oportuna para apresentar o tema, como monografia, com fins de conclusão de minha *formação psicanalítica*.

### II. OBJETIVO

A idéia básica é relatar dois momentos diferentes no lidar com a transferência erótica e sua contratransferência correspondente. Correspondência que para mim é essencial. Essência sem a qual não há relações, nem analítica. Esses dois momentos ilustram um traspasar de meu tempo e, com ele, o de minha formação psicanalítica. Refiro-me,

---

<sup>1</sup> Relator da Mesa Redonda – Ensino e Aprendizagem: Manejo da Transferência e Contratransferência Eróticas na Formação do Analista com a apresentação do trabalho “SUJEITO AO SUPOSTO AMOR DO SUJEITO DO AMOR SUPOSTO”. XVI Congresso Brasileiro de Psicanálise – Gramado 03 de maio de 1997. Artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise (vol. XXX – n.4 – 1996).

sobretudo, à minha análise pessoal e a influência que essa última vai ter sobre meu “desejo de analista”. Penso ser dispensável fazer referências a autores que falaram desse megatema. Prefiro, atendendo aos meus propósitos, ancorar-me nas concepções de Jacques Lacan sobre a transferência para dar sustentação teórica aos meus comentários, movimento que, por paixão, nos conduz a Freud.

*“Para se constituir como analista, é preciso estar incrivelmente apaixonado, apaixonado por Freud principalmente, isto é, acreditar nessa coisa completamente louca que chamamos de o inconsciente e que tentei traduzir pelo sujeito suposto saber”. (Lettres de l'ÉFP, n. 23, 1978)*

### III. TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA ERÓTICAS NA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA – NARRATIVAS CLÍNICAS

*“Além do mais, é do interesse geral que um mais alto grau de honestidade quanto às coisas sexuais se torne um dever entre homens e mulheres mais do que se tem esperado*

*até agora (...)*

*Em matéria de sexualidade somos todos, no momento, doentes ou sãos, nada mais que hipócritas”.*

*(S. Freud, 1898)*

Se ainda sob o cheiro de tinta fresca de minha própria formação psicanalítica me inscrevo na linguagem possível do erotismo transferido, devem esperar os senhores que tenha eu podido obter, neste percurso, um grau mais elevado de honestidade. No compromisso com a decência, honrar o trato que o psicanalista deve ter com a procura da verdade. Devo, portanto, poupá-los de minha própria impostura. Discurso de decoro no qual a simulação e o fingimento não podem fazer lugar. Acredito, em contrapartida, merecer o respeito dos senhores pela minha *exposição*.

Estamos em 1987, no Horto do Rio de Janeiro, consultório do Dr. Wilson Chebabi. Fazia na ocasião uma formação em grupos na Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio de Janeiro. Tinha procurado Chebabi para que supervisionasse meu trabalho clínico. Tive, com seu aceite, o raro privilégio de trabalhar ao seu lado de janeiro de 87 a março de 88. Registro, para os fins colimados, fragmentos soltos do caso que mais trabalhamos e onde me defrontei pela *primeira* vez com uma ruidosa transferência e contra-transferência eróticas. Hoje, revendo as anotações, pude ver com muito mais clareza o quanto eu (Epimeteu) estava mergulhado na minha paixão. Paixão felizmente repartida entre ambas senhoras. A senhora paciente (*primeira mulher analítica*) e a senhora psicanálise. Pude ver também os esforços do supervisor (Prometeu) para ajudar a soltar o emaranhado que desse vitalidade ao tratamento que caminhava no curso das palavras, da cadeia dos significantes, do calor das reações transferenciais, inexoravelmente, para seu fim ao modo de “Pandora”, que nos remete à criação da *primeira mulher*, “mal tão belo” nas palavras do poeta Hesíodo na *Teogonia*.

*“Hefesto, a pedido de Zeus, que desejava castigar os homens por causa dos crimes de Prometeu, modelou-a em argila e, em seguida, animou-a, deu-lhe alma, vida. Para torná-la*

*irresistível, teve preciosa cooperação. Atená (...) adornou-a com a mais bela indumentária (...); Afrodite deu-lhe a beleza e insuflou-lhe o desejo indomável, que atormenta os membros e os sentidos; Hermes encheu-lhe o coração de artimanhas, impudência, astúcia, ardis, fingimento e cinismo; as Cárites e a augusta persuasão embelezaram-na com lindíssimos colares de ouro e as Horas coroaram-na de flores. Por fim, Hermes concedeu-lhe o dom da palavra e chamou-a Pandora como se fora o presente de todos os deuses. Um presente funesto para punir os homens aos quais Prometeu concedera o fogo, furtado do céu. (...) Zeus, satisfeito com a cilada, enviou Hermes com o 'presente' a Epimeteu (o que aprende e vê depois) que se esquecera da recomendação de seu irmão (o que vê, percebe ou pensa antes) de jamais receber um presente de Zeus, se desejasse livrar os homens de uma desgraça. A raça humana vivia tranqüila, ao abrigo do mal (...), mas quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra que trouxera do Olimpo, como presente de núpcias a Epimeteu, e dela evolveram todas as calamidades que até hoje atormentam os homens. Só a teimosa esperança permaneceu (...). Uma variante fala que a jarra estava repleta não de males, mas de bens. Ao abri-la deixou que eles escapassem à mansão dos deuses. A esperança, porém, ficou conosco". **A última que morre.***

#### MOMENTO UM

A Sra. paciente, empresária, é uma bela mulher. De especial cultura (amante dos livros) e inteligência (com o dom do desenho, da música e dos negócios). Possuía uma

intensa vida sexual que teve um início precoce e dramático (aos 13 anos, com uma história de estupro e episódios de prostituição). Tirando seus traços psicopatológicos, era verdadeiramente apaixonável. Casada e mãe de dois filhos, em meio a uma crônica e devastadora crise conjugal, constava, na longa lista de seus amantes, um que a marcou especialmente, “coincidentemente” um psicanalista. Caso que teve, como inúmeros episódios de sua vida, um desfecho trágico. Matou-se de forma violenta numa data particularmente importante para a paciente.

Vejamos então alguns trechos soltos que visam apenas mostrar os níveis de inter-relação terapeuta/paciente, e que devem ser apreendidos levando-se em conta a falta do contexto das sessões e da evolução psicodinâmica do caso.

*(Quanto a um empregado doméstico com 16 anos de serviço que goza de grande intimidade com sua patroa)*

P: – Esta noite levei um baita susto. Estava dormindo e acordei assustada com fulano em pé ao lado de minha cama *(relata posteriormente que acabou notando que o mesmo masturbava-se escondido ao espreitá-la)*. Falei: Que é isso? Sai daqui, parece uma assombração! Ele me sacaneia.

A: – Como assim?

P: – Ele me manipula. Sabe que dependo dele, que meu filho (o de 5 anos) é louco por ele. Sabe que consegue tudo que quer de mim.

*(Interrompo as oportunas associações e me interponho. Projetando minhas fantasias?)*

A: – Aí é que você se engana. Ele não consegue tudo.

P: – Como assim?

A: – Não consegue o que *realmente ele quer*, ou seja, você. Tê-la como mulher (...)

*(o filho adolescente interrompe a consulta)*

P: – É ele (o empregado) que tá mandando ele aqui para perturbar. (se referindo ao filho)

A: – Que ciúmes! (mexendo na maçaneta)

P: – Fico aflita com isso.

A: – (Algo assustado) não é bom esse menino me ver aqui ! (que mal teria? Que intenções me assustavam?)

*(as maciças idealizações sedutoras)*

P: – Você é afetuoso (...). Parece uma maquininha a meu serviço. Mas não é. Você é humano. Um lindo ser humano nesse lindo cantinho.

*(Depois de uma crise fóbica de fim de semana que relacionou a “deitar-se no divã”)*

P: – Você é fundamental, é fundamental, é fundamental! Fiquei perturbada com esse treco aí (olhando para o divã) e de ter que me deitar. Depois lembrei que você falou: deita se quiser. Então fui me acalmando. Se você me convida hoje para eu me deitar ia ficar péssima, ia sair daqui e nunca mais voltar *(desejo/temor de ser assediada e ver acabado o terapeuta e as chances de ser tratada. Esquece no consultório o livro O perfume)*.

P: – Sou tímida nas minhas relações. Tenho dificuldades para me dar. Eu não gosto de ficar em evidência *(usava no dia uma saia bem curta e estava com um belo bronzado)*

A: – Penso se não há um sentimento contrário. De que você goste de ficar em evidência.

P: – Não vejo isso. Será?

*(Colocando material estranho ao momento da paciente. Mobilização ics. pela intensa vida sexual da paciente?)*

A: – Se você não gostasse de evidência não teria tantos amantes. Se não aspirasse a ser algo para alguém, a dar-se, não teria seus casos.

P: – Eu tenho medo de você, eu não queria dizer isso. Ia falar na última sessão mas não falei. Não tive coragem.

A: – E por que teria medo de mim?

P: – Não sei, não sei (*entrando em pânico*)

A: – Você está revivendo aqui afetos já vividos... (*me interrompe e mergulha numa crise brutal de ansiedade, na qual tudo que fiz foi tentar acalmá-la como um bom médico. Ou acalmar-me?*)

(dia seguinte)

P: – Você falou de ter revivido algo ontem aqui.

A: – Que figura masculina teria *te metido tanto* medo?

P: – Como você sabe que é masculina? Você é adivinho? Mágico? Ou apenas inteligente?

(*Aceitando narcisicamente o lugar do saber*)

A: – Não é nada disso. O trabalho nos vai dando a experiência. (*Que experiência?*)

(Conta então profundamente emocionada seu caso e o desfecho trágico que envolveu um psicanalista e ela)

A: – Você revive aqui sentimentos de apego a mim e ao mesmo tempo teme que esse apego acabe por me matar.

P: – Pedro, eu preciso de você. Vejo em você uma longa ponte para a esperança que perdi. Você é na verdade minha única esperança. Eu tenho que gostar de você. Eu quero gostar de você. Eu, Eu... Eu quero te amar. É isso! Eu quero te amar. Você não vai morrer!

A: – Claro! Eu não vou morrer. *(Compreensivo, emocionado e me colocando indevidamente. Não como ponte, mas como o próprio projeto salvacionista)*

P: – Não quero mais sair com ninguém, não estou a fim.

A: – Querer ficar consigo.

P: – É, não estou transando essa de sair trepando com uma porrada de caras. Sair “cantando”, pois sou eu que “canto” sempre. Era a única coisa que curtia, mas também me dava ressaca. Fico mal. Sentimentos fingidos. Não quero mais isso. Mas, não ter ninguém? Sinto falta de um homem para me ligar.

A: – Se vai poder ter a mim. Poder se ligar aqui.

P: – Mas você é diferente. Estou falando de um homem.

*(Confuso nos meus sentimentos passo a confundir a paciente quando essa está exatamente tentando discriminar seus sentimentos transferenciais)*

A: – Como diferente. Eu sou eunuco por acaso?

P: – Não. Apenas diferente.

(O pai era cirurgião e tinha em casa peças anatômicas, entre elas várias cabeças de cadáveres conservadas em formol. A paciente vivia só após a separação dos pais, pois ambos saíram de casa e foram viver as “suas” vidas. Violentada aos 13 anos por um indigente que passou a habitar o sótão da casa e queimada no episódio, se valeu da cabeça que tanto tinha terror para aterrorizar seu indevido vizinho, seu algoz que apavorado nunca mais apareceu.)

P: – Pude lembrar de um sonho. Terrível! Sei lá, muito esquisito. “Corto sua cabeça. Levo ela para a cama. Aí beijo, beijo e gozo. Durmo então tranqüilamente.

*(Me afastando do conteúdo dramático em direção ao conteúdo sensual)*

P: – Tou com sono. Queria me deitar. (olhando para o divã)

A: – Seria uma referência ao divã?

P: – Ahhre! Lá vem você. Você não me perdoa por eu *não me deitar*. Puxa, já estou sentada nele. *Prefiro esta posição*. (de lótu). Ideal para as minhas pernas que são curtas. *(Mostrando bem as coxas. Passa então a falar das pernas. Iria me contar da queimadura exatamente na raiz da coxa, quando cego por sentimentos contratransferenciais interrompi projetando minha própria malícia inconsciente)*

A: – Querendo que eu olhe as suas pernas?

P: – *(Excitada pela minha provocação. Riso de malícia)*. Que coisa! Tou indo! *(Passava alguns minutos do fim da sessão. E levantando-se a caminho da porta diz:)* Lembra do sonho que te contei da cabeça. Foi um sonho obsceno. Sua cabeça estava entre minhas pernas. *(Sai então)*

É evidente que refletia sobre o que se dava nas sessões, principalmente porque fazia meus relatos logo após. E também o trabalho de supervisão ganhava corpo. Portanto, o resultado foi o reforço de minha posição terapêutica o que levou a paciente a ter certos avanços. Mas minha ambivalência mais mascarada, nutrida pelos meus próprios sentimentos contratransferenciais não deram muita opção para a paciente que deixou o tratamento em legítima defesa da própria relação analítica. Senão vejamos:

P: – Que bom poder conversar com um homem sem ter que ir para cama com ele. Poder dizer não e não me sentir só. Devo isso a você. Poder estar com você sem sentir que preciso ir para cama com você. Como você sabe, cheguei a ter o sentimento de que você devia ter sido meu amante e fulano (o psicanalista amante) meu analista. Hoje vejo que não. Como é bom saber que você é meu analista. *(E então como uma bomba transferencial prestes a explodir por trás da paz aparente)*. Deixa eu fazer uma declaração de amor: Pensei. Eu gosto desse cara. Antes tinha raiva. Agora não. Quis me segurar para não te

contar. Perdi esse medo. Você me é fundamental. Resolvi ceder a isso. A esse sentimento. Quero te dizer algo, é... Na próxima consulta eu conto (eu “canto”?).

A: – E por que na próxima consulta?

(*contendo a emoção*)

P: – Deixa eu ter mais coragem. Na próxima consulta. (*Senti que não haveria mais uma próxima consulta. Quando a paciente se foi fiquei literalmente desolado. Um sentimento de que tinha falhado. Sentado me deixei ficar em meio a toda minha perplexidade e comoção*).

Entre os inúmeros e sábios comentários feitos por Chebabi, dos quais adoraria poder falar, registro apenas uma despreziosa observação que me serve para inaugurar minhas reflexões.

(Supervisor falando pela paciente)

– É o amor que me põe em pânico. Fico com medo de mim. Medo de amar, de amar-me.

(Elucidando)

– Todo mundo tem certo medo de amar, mas não pânico. Amar causa um certo desequilíbrio. Ela está precisando da análise para poder amar. E sente que pode fazer isso sem correr o risco de ser assediada. É como se ela dissesse: Deixa eu te amar sem ameaças. Eu não sei cuidar de mim quando amo. Quando me apaixono perco o controle. Quero aprender aqui na minha análise a amar sem abusar ou sofrer abusos. Não quero que você morra. Por isso você é fundamental e diferente.

Entendo hoje ainda mais do que ontem que Chebabi falava a verdade. Mas uma meia verdade. E uma meia verdade é uma mentira inteira. Compreensível. Apesar de atento ao que se desenvolvia e não tendo se furtado, quando fez ocasião, a pontuar com solene respeito o que de mim transparecia, se recusou com inspiração a fazer qualquer concessão com a ética. Não aceitando se colocar no lugar de meu analista, lhe escaparia o fato de que ambos, eu e a paciente, cada um ao seu modo, tínhamos medo de amar. Medo de se apaixonar. Medo do erótico. A paciente não voltou para me contar. Para me “cantar” como fazia com todos? Talvez tenha me poupado do impasse que iria feri-la de qualquer modo. Se aceito a cantada morro como analista e mato suas esperanças de se livrar de seus sofrimentos. Se não aceito a cantada talvez não suportasse, como nos falou Freud, o doloroso sentimento de rejeição.

#### MOMENTO DOIS

(Setembro de 1996. Paciente de supervisão, uma profissional da área psi. Vence por fim um silêncio longo e fala pela primeira vez de seus sentimentos em relação a mim)

P: – Adormeci. Acordei no meio da noite com saudades de você. Voltei a dormir e tive um sonho: *Estava no lugar onde nasci. Estava sentada em cima de um muro onde gostava de ficar. Eu via todas as casas o que, na realidade, não seria possível pela posição. Aparece então o jardim da casa da tia. Estava, onde adorava ficar, sentada debaixo de uma árvore onde ficava fantasiando. O lago, os patos, a arara. Aí pensei: Preciso trazer o Pedro aqui!* Brinquei muito nesse lugar. Caminhava muito lá. Tive ali minhas primeiras fantasias sexuais, como seria namorar, quem seria meu namorado. Ali também fui me dando conta de que ia aos poucos ficando mulher. Sabe, ficou mais claro que te levo a muitos lugares. Está

difícil suportar minha divisão. Ficar *em cima do muro (rindo)*. A posição de te desejar, por um lado, e de não abrir mão de minha terapia, por outro. Penso em abrir mão da terapia que é abrir mão de tudo. Não te ver mais. Posso optar pela terapia, aí dá um nó danado. Reforça o desejo. Ficou difícil fazer terapia. E a loucura não é só minha. Você contribuiu. Quem mandou ser um deus? É isso! Me livrei. Pronto.

(Saindo do lugar idealizado. Buscando esclarecer seu desejo ics. Encoberto pela sua demanda de amor)

A: – Parece que a quarta sessão nos aproximou. Você pode falar de sentimentos até então intocados. Sente uma confiança maior em falar desses sentimentos e das fantasias que se ligam a eles. A sessão trouxe os sentimentos. E isso parece divino. Sente esse deus dentro de você e pensa que sou eu. Seu sonho quis que eu visse o seu mundo, a sua história, o despertar de sua sexualidade. Que eu te conheça ao mesmo tempo que você se re-conhece. E só na experiência da análise isso é possível. Eu e você estarmos num lugar onde nunca poderíamos ter estado. Divino não? Desejar e se analisar não são incompatíveis, ao contrário, não há uma coisa sem outra.

#### IV. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

É importante num trabalho desta espécie não perder o sentido de que *Eros* é um princípio de ação. Símbolo portanto do desejo cuja energia é a libido e de que *erótico* (Do gr. *erotikós*) é essencialmente tudo aquilo relativo ao amor, inspirado pelo amor, ficando em acepção inferior o significado que remete ao lascivo. Erótico é também aquilo que tem o caráter de lirismo amoroso, possuindo, portanto, a qualidade de poesia (Do gr. *poiésis*. *Ação de fazer algo, criar*). Erótico diz respeito ao entusiasmo criador, à inspiração criadora, àquilo que desperta o sentimento do belo, do encanto. Diz respeito, sobretudo, ao que há de

elevado e comovente nas pessoas e coisas. Se por um lado já era claro naquela época a contratransferência erótica da qual fui objeto<sup>2</sup> – sim; porque na verdade o sujeito não é sujeito da paixão e sim objeto dela –, por outro, apesar de intuir, não estava tão claro que minha paixão estava marcada substancialmente por esse sentimento elevado e comovente despertado em mim por uma pessoa de conteúdos especiais e que, muitas vezes, sobrepõe-se à lucidez e à razão. Esse sentido lírico sobrepujava, em muito, o caráter de inclinação sensual ou, ainda, de afeto dominador e cego. É evidente que nossa paixão não perdeu também o sentido do sofrimento. Nem poderia. Acredito que minha paciente tenha reconhecido minha mobilização no sentido da *poiésis*. Pôde acompanhar, afinal, minha luta por *fazer algo, por criar*. Depois de um período de silêncio passou a me encaminhar clientes. Tornou a me procurar estimulada pelo êxito que vinham obtendo algumas das pessoas que me enviou, ao mesmo tempo que desesperançada pela “gravidade de sua enfermidade”.

*(Com pesar)*

P: – Devo ser muito doente. Afinal os outros melhoram.

A: – Sua doença não foi maior que minha incapacidade.

*A esperança ficou no jarro do Olimpo. A última que morre!*

---

<sup>2</sup>Saldanha, M. A. B. em um trabalho intitulado “Paixão e narcisismo”, 1991 nos diz: “Paixão é passíonis, sofrimento, passividade. Relaciona-se (...) com padecer, sofrer a ação. Mas também é movimento, e enquanto movimento é inapreensível, só pode ser vivido. Não o possuímos, jamais o apreendemos: é ele que nos avassala”. E ainda: “O passional é passivo porque padece, sofre uma ação: não é o agente, é o sofredor. Passional é, então, um sujeito assujeitado a uma ação sobre a qual ele não tem controle. (...), o sujeito apaixonado não age, é agitado. Sua ação, por maior e mais extravagante que seja, (...), é sempre passiva, pois não é o sujeito que a domina”.

Numa quarta-feira, em 30 de janeiro de 1907 nos diz Freud: “Compelimos o paciente a renunciar as suas resistências por amor a nós. Nossos tratamentos são tratamentos pelo amor”. Vemos, então, que Freud situa o amor no âmago da aventura psicanalítica. Em 1910 com “Psicanálise silvestre” faz a equivalência do amor com a sexualidade. Pois “englobam o sexual e o fator psíquico da vida sexual”. Em 1912, no estudo “dinâmica da transferência”, aponta que aquele que vai desenvolver uma transferência, um enamoramento pelo analista é “aquele cuja necessidade de amor não encontra plena satisfação na realidade<sup>3</sup>”. Em “Observações sobre o amor de transferência”, 1915, sugere que a essa “impetuosa demanda de amor”, a essa “disponibilidade a se entregar sexualmente”, o médico deve responder deixando subsistir a necessidade e a vontade. Lembra que o analista deve tratar essa transferência amorosa como alguma coisa de *não-real*, pois não há na vida real nada que se assemelhe ao caminho percorrido pela análise. Mas – *e é nesse momento que resguarda o sentido ético do amor transferencial* – adquire a certeza que esse enamoramento tem o caráter de um *amor autêntico, verdadeiro*. Mayette Viltard, fiel aos pensamentos de Freud expostos nesse trabalho, nos fala que “por maior valor que possa atribuir a esse amor, o analista deve pôr acima dele o fato de estar diante da oportunidade de fazer sua paciente transpor uma etapa decisiva de sua vida”. É Freud mesmo quem diz que para dar conta dessa nobre missão o analista “deve travar um tríplice combate, *em seu foro íntimo*, contra as forças que desejariam fazê-lo descer do nível analítico, *fora da análise*, contra os adversários que lhe contestam a significação das forças sexuais das pulsões e, *na análise*,

---

<sup>3</sup> No mesmo trabalho, entretanto, escreve: “acredito que alguma coisa na própria natureza da pulsão sexual não é favorável à obtenção da satisfação plena”.

contra seus pacientes, que querem fazer reconhecer a supervalorização da vida sexual que os domina e capturar o médico com seu ardor socialmente indomado<sup>4</sup>”.

O que estou querendo assinalar aqui é o fato experimentado de se poder reconhecer a transferência e contratransferência eróticas não como um entrave à psicanálise, mas aquilo que lhe dá inspiração. Se há algo que se processa no tratamento pelo amor; se há equivalência das palavras amor e sexualidade; se o amor no seu sentido amplo – onde a libido das pulsões sexuais coincide com o Eros dos poetas e dos filósofos – inclui os sentimentos ternos que provêm das primeiras emoções sexuais; não há como excluir o erótico da relação analítica. Ao tratar da paixão do analista, vivida em relação ao paciente, e enquanto paixão, dentro de um universo de paixões onde se destaca a psicanálise como instrumento de saber e propiciadora de uma forma de viver, o Dr. Marco Antonio Saldanha em “Paixão e narcisismo” alega que o *analista deveria trabalhar com paixão*.<sup>5</sup> Nos diz: “Pensando e teorizando sobre a paixão, estudei seu controle e sua inoculação. Em mim, divisei a ação das paixões, sua força e minha força, seus efeitos mágicos, suas marcas trágicas, meus intentos heróicos, meu esforço conciliatório, meus vergonhosos compromissos. Vivi paixões, senti-me dominado, e gozei a sensação de estar enlouquecendo e transtornando outra pessoa. A tudo assisto, a tudo sobrevivi, e de tudo sou agora as marcas: Trago em mim as inscrições do apaixonar e do estar apaixonado”. O que tinha em mente e não encontrava ainda como dizer, me foi imensamente facilitado quando o Dr. Marco Antonio, diante do intuito de discutir a impossibilidade e a efemeridade da paixão, o faz através de seu contrário, isto é, que “impossível é viver sem paixão”. Seu corajoso texto

---

<sup>4</sup> E como tornar essa vida sexual “domada socialmente” sem comprometer o ardor, que seria a morte do sujeito? Procurarei abordar essa questão adiante

<sup>5</sup> Utilizei-me de palavras em itálico para destacar

é de busca de “uma paixão viável sob a forma de desejo”<sup>6</sup> de uma paixão “que viva a ilusão sabendo-se ilusão, que viva a vida como um risco”. Risco esse que se vincula ao seu conceito de *Narcisismo maduro*, que ao mesmo tempo que é risco, traço, é, no seu movimento, aquilo que identifica o riscado, o traçado e que procura dar conta de nossa própria biografia, de nosso *grafo* de vida.

Na representação mítica platônica, é a sua metade sexual que o ser vivo busca no amor, amor que na representação mítica freudiana da psicanálise se distingue: o amor é verdadeiro, o amor é não-real.

Lacan nos mostra que a experiência psicanalítica reproduz esse mito em que o sujeito busca no outro, por amor, não seu complemento sexual, mas a parte para sempre perdida de si mesmo.<sup>7</sup> O “amor verdadeiro” de Freud é também o “amor falso” de Lacan, onde o efeito de engodo desse amor aparece no efeito do assujeitamento do desejo do sujeito ao desejo do outro. “Amar é essencialmente querer ser amado”. (*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*). E indo mais além, Lacan, inspirado na fala de Freud de que “os poetas nos ensinaram que nos estados atormentados do enamoramento os dois sentimentos opostos coexistem e rivalizam-se”, concebe que a imagem logrante do outro como objeto de amor induz o sujeito sexuado à sua realização sexual, e a pulsão, parcial que é – representante da falta, da parte em silêncio, da parte morta – é fundamentalmente pulsão de morte. Na dialética da pulsão não é possível, portanto, ignorar o que há de destrutivo no desejo, e que este não guarda relação necessária com a ordem do amor, de um “querer bem” do outro. Nos permite supor que objeto de desejo e objeto de amor são distintos, embora ligados.

---

<sup>6</sup> O grifo é meu

<sup>7</sup> Enquanto para Freud pesa mais a idéia de que o desejo aparece como realização alucinatória de seu fim, para Lacan surge como falta de seu objeto. Ambos os enfoques articulam-se e estão presentes em Freud.

“Por trás do amor dito transferencial, há a afirmação do vínculo do desejo do analista com o desejo do paciente”. Ao ajustar a transferência segundo o desejo do analista, no meu entender, Lacan une irremediavelmente transferência e contratransferência. Situada na fronteira entre o desejo e o amor, a transferência num sujeito não se reduz ao que se passa nele, mas envolve o que se passa no analista, com o desejo do analista. Para Lacan, o sujeito se desejante quer acreditar que o outro, desejante, passou a me desejar. De (desejante/amante) a (desejado/amado). Tem-se aí a significação do amor. E é isso que se dá em análise, pois o analista, amado, é virtualmente amante, *ainda que apenas por escutar*. Lacan põs, então, a transferência e seu desfecho – revelar ao sujeito o objeto de seu desejo a partir da demanda de amor – na dependência do desejo do analista. É fundamental salientar que o conceito “desejo do analista” diz respeito a uma dessemelhança subjetiva, obstáculo à intersubjetividade (sede do inconsciente), à qual a noção de contratransferência apela. Lacan aponta a transferência suscitada, então, a partir do desejo do analista. O analista, em sua própria anterioridade ocupa o lugar da hiância que é o desejo do outro. Essa fome, esse buraco, que é da incompletude e do simbólico, faz do desejo do analista o motor da transferência, que Lacan irá chamar de “sujeito-suposto-saber”. Então:

Era uma vez minha paciente (igual a *um/uma* paciente qualquer) que no exercício de sua sexualidade *manifesta*, naturalmente caótica nos humanos, busca como fim de “origem” o gozo, buscando ou não análise. Como ser psíquico não sabe que não existe “relação sexual” inscrita no psiquismo que pudesse ajudá-la a se definir *naturalmente*, em termos subjetivos, em relação ao seu sexo ou ao do outro (parceiro) buscado. Não se dá conta de que sua sexualidade só se manifesta no campo do psíquico por meio das “pulsões parciais”, e que essas são o efeito da relação subjetiva ics. com um outro ser humano falante e desejante. Ao se deparar com o analista *escutante*, esse numa anterioridade a toda prova, se

faz virtualmente amante/desejante, e passa por isso, a ser amado/desejado. Ao sentir que a *satisfação* de suas *necessidades* vitais depende de um outro, tem sua idéia de satisfação imediatamente transformada em *demand*a de amor. O amor é aqui sujeição. Apelo ao outro tendo em vista uma satisfação que, seja como for, *não se dará da forma como é demandada*. Ao se perceber lograda pelo analista por não ver atendida sua demanda, que na verdade aliena sua necessidade e se confunde com seu desejo, o amor vira ódio. Se o impasse for superado, a história continua. Pode-se dizer que no fim da transferência o que passa a ser colocado para o analisando é o de se desprender da identificação idealizante que possa tornar possível um *agir* da pulsão que dê conta, por adequação, da demanda adequada. Pela substituição significativa se daria a “cura pelo amor”, onde a experiência da análise pessoal não é apenas aceitar o destino descoberto. Pois se por um lado há uma repetição do passado que por fim pode ser simbolizado, por outro, há no seu término um trajeto de *criação, de poíesis, um agir novo*. Alcançar essa meta vai ficar na condição de como a dupla analisando/analista se diferenciam<sup>8</sup>, de como seres desejantes se encontram no simbólico, pois seus modos de realização sexual vão depender da consistência ou das debilidades desse dispositivo. Isso se dá porque o campo pulsional é regulado por uma função simbólica (Édipo), afinal o sujeito fala e é falado. É o que no trabalho já mencionado o Dr. Marco Antonio Saldanha percebe como o *momento da diferenciação*. “Eu e o outro nos desentranhamos, nos miramos, nos re-conhecemos. Reconheço-me no outro como possibilidade – diferença e semelhança – mas nunca mais igualdade. É a “receita” que o autor sugere para “domar socialmente as pulsões sexuais” sem destruir o “ardor”<sup>9</sup> pela vida.

---

<sup>8</sup> Que não vai acontecer no exemplo da minha narrativa clínica

<sup>9</sup> Ver nota de rodapé 3 quanto à questão levantada por mim referente às palavras de Freud.

Nos diz: “A passagem do narcisismo para o social-ismo não é mais que um passo. Mas este não será a anulação daquele. A capacidade para relação de objeto não substitui o estado narcísico sem deixar vestígios, como a lagarta transformada em borboleta”.

## V. SUPOSTO SABER, SUPOSTO AMAR

É sabido que Lacan se utiliza dessa fórmula para ironizá-la e criticá-la. “É preciso que aprendamos a prescindir dela em todos os momentos”, “É uma suposição indevida”. O sujeito suposto saber foi, segundo estudiosos de Lacan, uma renúncia do outro como sujeito. “O outro não é um sujeito, é um lugar para o qual nos esforçamos (...) por transferir o saber do sujeito”. O outro não é um sujeito, mas um lugar, um lugar de significantes. Diz Lacan que onde quer que haja o Sujeito suposto saber há transferência.

Portanto, o que temos na transferência erótica, o modelo do Sujeito suposto saber, é, no meu entender, o Sujeito do suposto amar. O paciente enquanto não se elucida fica *sujeito ao suposto amor do sujeito do amor suposto*. O analista que não recebeu o sopro suficiente de sua análise pessoal *sujeita o analisando ao amor que supõe possuir*. Enclausurado num “narcisismo imaturo”<sup>10</sup> não consegue trabalhar com sua paixão. Não consegue se valer da contratransferência erótica para se superar e fazer superar. Saldanha conclui que “Paixão madura é, então, expressão desta inexorável e constante ultrapassagem de si mesmo. Não há como dizer a paixão, pois é ela indefinível. Tem seus limites abertos e, se a definirmos, já

---

<sup>10</sup> Alusão pelo contrário do conceito de “narcisismo maduro” introduzido por Saldanha em “Paixão e narcisismo”.

não mais é paixão: *torna-se saber*.”<sup>11</sup> Ora, não podia haver expressão mais oportuna que esse “torna-se saber”. Um analista que não só não se aparta do lugar indevido de saber no qual foi colocado – para devolver ao analisando essa responsabilidade – como, em sentido inverso e mais grave, sai desse lugar da suposição para a posição do saber. Acrobacia funesta que apunhala a paixão vital e condena ao extermínio seu analisando e a si próprio na mesma câmara de morte.

Volto então a defender a idéia da transferência e contratransferência erótica como princípio vital de toda relação analítica que elucidada se transforma em “Paixão viável, paixão genital de um narcisismo maduro”.<sup>12</sup> Ao contrário daquela não analisada que escorrega para o sofrimento que avassala mesmo sob o disfarce enfeitado de sua mágica.

#### VI - CONTRATRANSFERÊNCIA PERVERSA - pornográfica.

Ao desvencilhar o conceito de pulsão da confusão com a noção de instinto, Freud nos apresentou a problematização da vida libidinal. Problemática que ao revolucionar a psicopatologia sexual vigente desperta para a humanidade a esperança de uma nova ética. Ao descobrir a coexistência do sexual e do inconsciente tornamo-nos menos alienados da existência de nossos sintomas, fantasias e sonhos. A inexistência ou essencial perturbação nos humanos de uma programação instintiva dita natural, a irredutibilidade do sexual ao biológico ou ao moral, e, em contraparte, a pregnante presença do outro desejante e falante na instauração e na manifestação da vida sexual, condena as “certezas científicas” de

---

<sup>11</sup> O grifo é meu.

<sup>12</sup>Referência ao mesmo trabalho “Paixão e narcisismo”.

asseguramento e nos deixa o des-saber, mas também a vontade de saber. O vir a ser analista, coloca para a formação psicanalítica, através de seu principal elemento que é a análise pessoal, a inalienável missão de auxiliar o candidato a se elucidar. Este ao ter melhor acesso ao seu inconsciente, pode se acercar de sua sexualidade. Desse lugar, conquista o direito ético de psicanalisar a sexualidade alheia. Pois a ética do tratamento psicanalítico é colocar o “agente da cura” na experiência do tratamento que pretende propor. Faz isso inspirada não pela força, mas pela constatação de que é impossível dar conta da alienação do outro sem varrê-la do próprio horizonte.

Isto posto, podemos admitir que ninguém está livre das armadilhas de seu próprio inconsciente, e de que não há análise que dê conta do interminável. É compreensível que o sujeito desavisado de seus impulsos sexuais inconscientes fique emaranhado, por isso mesmo, nas redes de uma transferência e contratransferência eróticas. É admissível que no esforço de tornar consciente o inconsciente, de sua busca analítica, tropece ali e acolá no cipoal de seus próprios conteúdos. Isso, em absoluto, o diminui ou o coloca sob suspeita ética. O que para mim é inadmissível e se torna exercício ilícito da profissão, está caracterizado aqui por uma conduta dita perversa (no seu sentido de corrupção onde há um alguém violentado). Aquilo que fere a decência, a honestidade. Que profana o pudor e avilta o sujeito sujeito. Exercício de prostituição, onde haveria um comércio habitual ou profissional do amor sexual. Refiro-me aqui ao significado principal de *pornografia*<sup>13</sup> que diz respeito a tratado acerca da prostituição. Portanto, quando falo de *contratransferência pornográfica* me refiro a atitudes capazes de *motivar* ou *explorar* o lado sexual do

---

<sup>13</sup> Acho oportuno esclarecer aqui que não alimento preconceitos acerca daquilo que diz respeito a coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, que é também conhecido como pornografia

indivíduo. Isso sim desonra a psicanálise. Como não é através do poder de polícia que se regulamentam essas questões – muito pelo contrário, muitas vezes o policiamento esteve a serviço da *pornocracia* – é no exercício constante e incansável da ética que se pode alcançar o nobre objetivo do exercício honrado da psicanálise. Sairão ganhando os grupos, as sociedades que investirem seu patrimônio em defesa dessa ética.

## VII - CONCLUSÃO

Procurei nesse trabalho demonstrar a dimensão crucial do *erótico* para a psicanálise. Não só como elemento intrínseco de sua própria textura como, por consequente desdobramento, extensão de todos os braços de seu direcionamento. Fica evidente, até pela própria essência, a expressão desse erotismo na prática clínica. Palco privilegiado aonde poderão se dar as cenas de nosso *grafo* de vida, de nossa *bio-grafia*. Fui encontrar o apoio as minhas formulações, como não poderia deixar de ser, primeiro no criador dessa própria psicanálise. A partir desse em Lacan, e, o que para mim torna-se próximo e especial, numa força dentro de nossa própria casa de estudo e trabalho. Refiro-me aos desenvolvimentos teórico-práticos do Dr. Marco Antonio Saldanha sobre a *paixão*. Procuro não perder o sentido de *Eros* como um princípio de ação, símbolo portanto da libido e de que *erotikós* diz respeito a tudo aquilo relativo ao amor. Desde quando numa quarta-feira, em trinta de janeiro de 1907 Freud nos diz: “*compelimos o paciente a renunciar as suas resistências por amor a nós. Nossos tratamentos são tratamentos pelo amor*”; cria o espaço ético (*o ethos*) da convivência do erótico com nosso ofício. Desse espaço encontrou o Intenso Lacan a

---

legitimidade para dizer: *“para se constituir como analista, é preciso estar incrivelmente apaixonado, apaixonado por Freud principalmente, isto é, acreditar nessa coisa completamente louca que chamamos de o inconsciente e que tentei traduzir pelo sujeito suposto saber”*. Não seria por acaso, com essa história pregressa, que Saldanha possa se sentir a vontade para afirmar que: *“o analista deveria trabalhar com paixão”*. Pude, portanto, encontrar eco na literatura psicanalítica para minha jovem convicção de se poder reconhecer a transferência e contratransferência eróticas não como um entrave a psicanálise, mas aquilo que lhe dá inspiração. Se há algo que se processa no tratamento pelo amor, se há equivalência das palavras amor e sexualidade; se o amor no seu sentido amplo - onde a libido das pulsões sexuais coincide com o Eros dos poetas e dos filósofos - inclui os sentimentos ternos que provêm das primeiras emoções sexuais; não há como excluir o erótico da relação analítica. Procuro, por fim, diferenciar o erótico de uma exploração do erótico. Exercício perverso de prostituição que chamo de *“transferência pornográfica”*. Defendo por experiência própria, o que não é novidade, a análise pessoal, que exitosa acaba por se transformar na experiência mais promissora de enfrentamento de nossas inevitáveis escaramuças inconscientes. Registro, no final, que o exercício constante e incansável desse ethos da coexistência do erótico com o ofício psicanalítico pode nos conduzir ao exercício honrado da psicanálise, e que sairão ganhando os grupos que investirem nesse sentido”.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. S. (1991). *Dicionário mítico-etimológico*, vol. II, Petrópolis.
- KAUFMANN, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise – O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SALDANHA, M. A. B. (1991). Paixão e narcisismo. *Boletim Científico da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro*, Ano 12. n<sup>OS</sup> 5 e 6.

**Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo**

Rua Ingelheim, nº 1108

25675- 191 Petrópolis, RJ

Fone: 0242 42-8140

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

Instituto de ensino da Psicanálise

*sujeito ao suposto amor do sujeito do amor suposto*

*Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo*

*maio - 1997*

*sujeito ao suposto amor do sujeito do amor suposto*

Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo

- Monografia a ser apresentada à Comissão de Avaliação do Instituto de Ensino da Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro para obtenção do título de Membro Associado.

Rio de Janeiro

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

**junho de 1997**

## ***Dedicatória:***

- Aos meus pais ***Orlando da Silva Azevedo e Maria do Carmo Vellozo Azevedo*** que partiram recentemente dessa vida mas me deixaram, além do incalculável, a inspiração do “eterno aprendiz”.
- Aos companheiros da 29a turma, patrimônio humano inalienável, instigadores da labuta e do desejo de vencer.

## *Agradecimento:*

- Ao Marco Antonio Brant Saldanha pelo aprendizado, pela amizade, pela lealdade e, sobretudo, pelo reforço do sentido da *paixão*, princípio vital sem o qual não poderia caminhar.

## *Sumário:*

- INTRODUÇÃO - PÁG. 1
- DANHA AMAR ÍPÁG. 1
- DANHA AMAR ÍNICASSTRATRANSFERÊNCIA ERÓTICA NA
- DANHA AMAR ÍNICASS - ARRATIVAS CLÍNICAS. PÁG. 2
- RRATIVAS CLÍNICASSSCAS - PÁG. 13
- RATIVAS CLÍNICASSSSTO AMAR - PÁG. 20
- RATIVAS CLÍNICASSS PERVERSA - ORNOGRÁFICA. PÁG. 22
- CONCLUSÃO - PÁG. 24

## RESUMO

Neste trabalho o autor aborda dois momentos de sua vivência com a transferência e a contratransferência eróticas, separados no tempo pelo curso de sua formação psicanalítica. Atribui à sua análise pessoal o mérito maior pelo entendimento da dimensão do *erótico* como princípio vital. Ancora nas concepções de Jacques Lacan a base de suas reflexões sobre o tema.

## ABSTRACT

One Subjected to the Supposed Love of the Other Who is the  
Subject of this Supposed Love

In this paper the author deals with two moments of his experience with erotic transference and countertransference. These experiences occurred in different periods of time, during his psychoanalytic training. This personal analysis helped understanding eroticism in its true dimension, as a vital principle. The author built his whole analysis based upon Jacques Lacan's conceptions on this matter.